



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria do Planejamento
e Gestão

IPECE Informe

Nº 63 – Agosto de 2013

**Comportamento dos Empregos e Salários
na Indústria de Transformação Cearense
nos anos recentes**

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Cid Ferreira Gomes – Governador

Domingos Gomes de Aguiar Filho – Vice Governador

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Eduardo Diogo – Secretário

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba F. D. Barreto – Diretor Geral

Adriano Sarquis B. de Menezes – Diretor de Estudos Econômicos

Regis Façanha Dantas – Diretor de Estudos Sociais

IPECE Informe - nº 63 – Agosto de 2013

Elaboração

Odorico de Moraes Eloy da Costa (Coordenador)

Witalo de Lima Paiva

Alexsandre Lira Cavalcante

Revisão: *Laura Carolina Gonçalves*

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão

Disponibilizar informações geosocioeconômicas, elaborar estratégias e propor políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Valores

Ética e transparência;

Rigor científico;

Competência profissional;

Cooperação interinstitucional e

Compromisso com a sociedade.

Visão

Ser reconhecido nacionalmente como centro de excelência na geração de conhecimento socioeconômico e geográfico até 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG, 2º Andar

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora – Cambéba

Tel. (85) 3101-3496

CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

ouvidoria@ipece.ce.gov.br

www.ipece.ce.gov.br

Sobre o IPECE Informe

A Série **IPECE Informe** disponibilizada pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), visa divulgar análises técnicas sobre temas relevantes de forma objetiva. Com esse documento, o Instituto busca promover debates sobre assuntos de interesse da sociedade, de um modo geral, abrindo espaço para realização de futuros estudos.

Nesta Edição

Neste Informe o objetivo é conhecer a dinâmica do mercado de trabalho na indústria de transformação, em especial o comportamento do estoque de trabalhadores e da remuneração paga. Tais informações fornecem subsídios para se entender como a produtividade da mão-de-obra na manufatura tem evoluído e como esta evolução se comporta diante dos salários pagos. Tem-se aqui um primeiro passo neste intuito. A partir de uma análise exploratória, tem-se a evolução dos principais indicadores relacionados ao mercado de trabalho da indústria de transformação nacional, regional e cearense. Um fato que chama atenção diz respeito ao comportamento geral dos indicadores analisados que apresentam oscilações mais intensas no estado do Ceará em relação ao Brasil no período analisado (2010-2012). Considerando especificamente à indústria cearense, setores tradicionalmente importantes, como têxtil e vestuário, sofreram quedas expressivas no número de pessoas ocupadas, -7,85% e -6,89%, respectivamente. Já com relação à evolução da taxa de crescimento anual da folha de pagamento real, os setores de metalurgia básica, produtos químicos e calçados e couros apresentaram os maiores avanços. Embora os dados observados não permitam maiores conclusões sobre os efeitos de tais alterações na competitividade dos setores, os resultados apontam para uma elevação nos custos com a mão-de-obra incorridos pela indústria. Neste contexto, uma importante questão que se coloca é observar se este aumento do custo do trabalho é acompanhado por ganhos de produtividade e maior eficiência. A resposta a tal questionamento nos remete a um melhor entendimento sobre a competição industrial em nível nacional e estadual. O trabalho baseia-se nos dados na Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES) divulgada mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

1. INTRODUÇÃO

Em um período no qual a indústria nacional tem dificuldades para recuperar o ritmo de crescimento após a crise internacional de 2008, o presente trabalho contribui ao jogar luz sobre uma questão importante que se coloca dentre as possíveis explicações para o atual momento da manufatura brasileira e cearense em particular.

O objetivo é conhecer a dinâmica do mercado de trabalho na indústria, em especial o comportamento do estoque de trabalhadores e da remuneração paga. Tais informações fornecem subsídios para se entender como a produtividade da mão-de-obra na manufatura tem evoluído e como está evolução se comporta diante dos salários pagos. Tal ponto ganha importância ainda maior quando se leva em conta a pressão exercida pelo setor de serviços, com forte expansão nos últimos anos, sobre a oferta de mão-de-obra.

Neste trabalho, tem-se um primeiro passo neste intuito. A partir de uma análise exploratória, apresenta-se a evolução dos principais indicadores relacionados ao mercado de trabalho da indústria de transformação nacional, regional e cearense, para o período recente (2010-2012). Este trabalho é baseado nos dados na Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES) divulgada mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

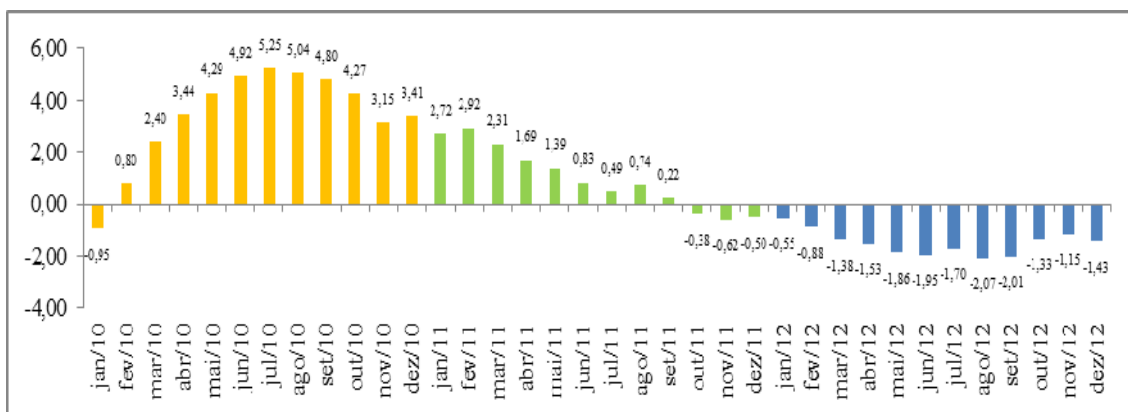
Dentre os grupos de indicadores presentes na base de dados da PIMES foram analisados apenas dois, pessoal ocupado assalariado e o valor da folha de pagamento real. No primeiro foi observada a trajetória do estoque de pessoas ocupadas na indústria de transformação brasileira, por regiões e no Estado do Ceará. No segundo indicador foi possível verificar o comportamento do total da folha de pagamento real paga a esses funcionários. Sendo assim, foi possível realizar uma análise da situação industrial em uma perspectiva nacional e regional proporcionando uma base de comparação para indústria cearense.

2. PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

A evolução da taxa de crescimento mensal do número de pessoas ocupadas na indústria de transformação brasileira de janeiro de 2010 a dezembro de 2012, apresentou tendência declinante, especialmente a partir do início de 2011 quando a indústria nacional começou a apresentar quedas continuadas em decorrência da crise internacional

O ano de 2012 apresentou redução no estoque de empregados em todos os meses quando comparados ao ano anterior, dando sequência ao quadro de taxas negativas presente desde os meses finais de 2011. De fato, em dezembro de 2012, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou variação negativa (-1,4%) frente ao mesmo mês do ano anterior, dando continuidade às reduções de -1,3% em outubro e -1,1% em novembro. Na verdade, o mês de dezembro de 2012, é o décimo quinto resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto. (Gráfico 01).

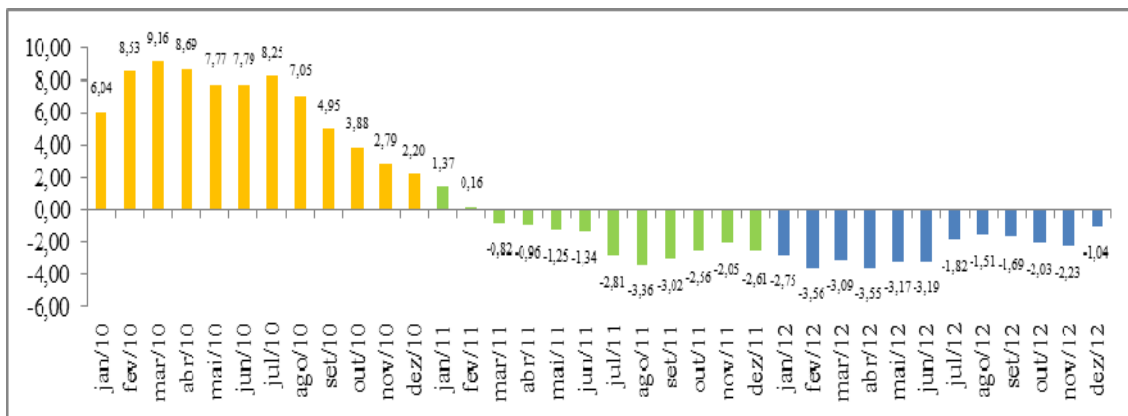
Gráfico 01 - Taxa de Crescimento Mensal do Número de Pessoas Ocupadas na Indústria de Transformação - Janeiro de 2010 a Dezembro de 2012 - Brasil (%)



Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE.

Seguindo a tendência verificada na indústria nacional, a manufatura cearense registrou reduções sistemáticas no estoque de pessoas ocupadas. De fato, as quedas ocorreram de modo contínuo desde março de 2011 quando apresentou um decréscimo de 0,8% em relação a igual período de 2010. Em dezembro de 2012 a queda foi de 1,0%, ou seja, o vigésimo segundo resultado negativo consecutivo nesse tipo de comparação. (Gráfico 02)

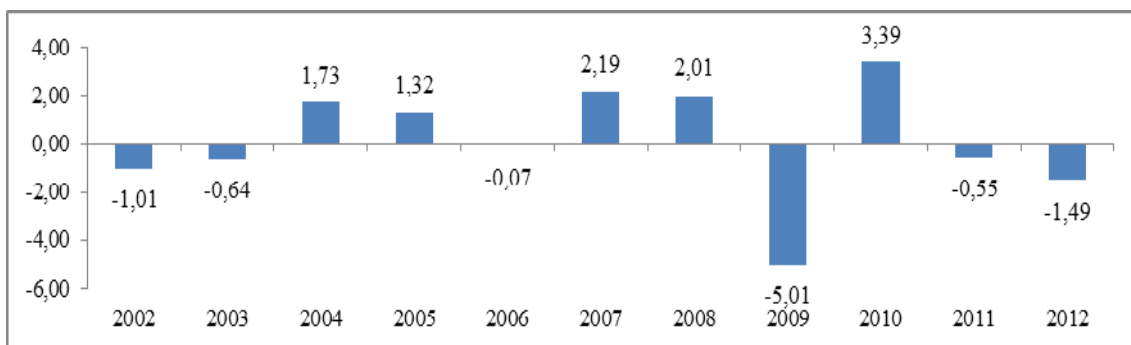
Gráfico 02 - Taxa de Crescimento Mensal do Número de Pessoas Ocupadas na Indústria de Transformação - Janeiro de 2010 a Dezembro de 2012 - Ceará (%)



Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE.

A taxa de crescimento acumulada anual no total de pessoas ocupadas na indústria de transformação nacional registrou queda pela segunda vez consecutiva de -1,49%, depois da marca registrada em 2011 que foi de -0,55%. Em 2010 foi registrado o maior crescimento anual no total de pessoas ocupadas dos últimos dez anos (3,39%), resultado da recuperação da atividade econômica nacional após os anos iniciais da crise (Gráfico 03).

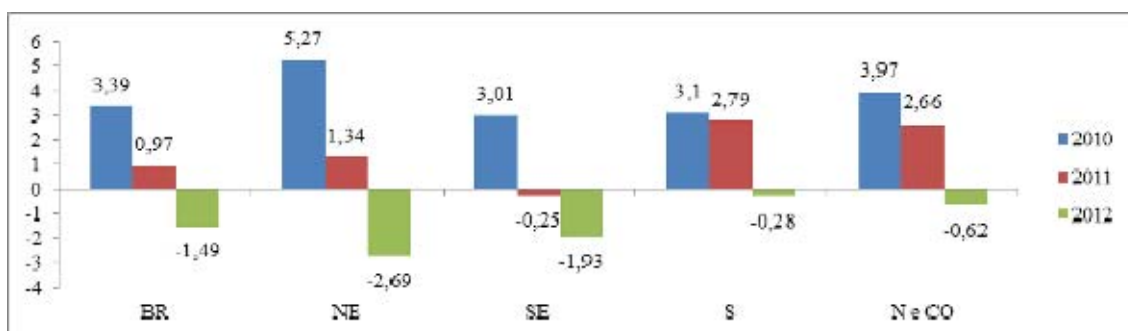
Gráfico 03 - Evolução da Taxa de Crescimento Acumulada Anual do Número de Pessoas Ocupadas na Indústria de Transformação - 2002 a 2012 - Brasil (%)



Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE.

Como pode ser observado no Gráfico 04, a seguir, o comportamento de queda na taxa de crescimento anual do número de pessoas ocupadas na indústria de transformação nacional foi seguida por todas as regiões brasileiras que também apresentaram resultados negativos em 2012. Vale notar que a Região Sudeste já havia registrado queda no ano de 2011. A região que apresentou a maior queda no total de pessoas ocupadas na indústria de transformação na comparação 2012-2011, foi a região Nordeste, com -2,69%, seguida pelo desempenho negativo da região Sudeste.

Gráfico 04 - Taxa de Crescimento Acumulado do Ano do Número de Pessoas Ocupadas na Indústria de Transformação - 2010 a 2012 – Brasil e Regiões (%)

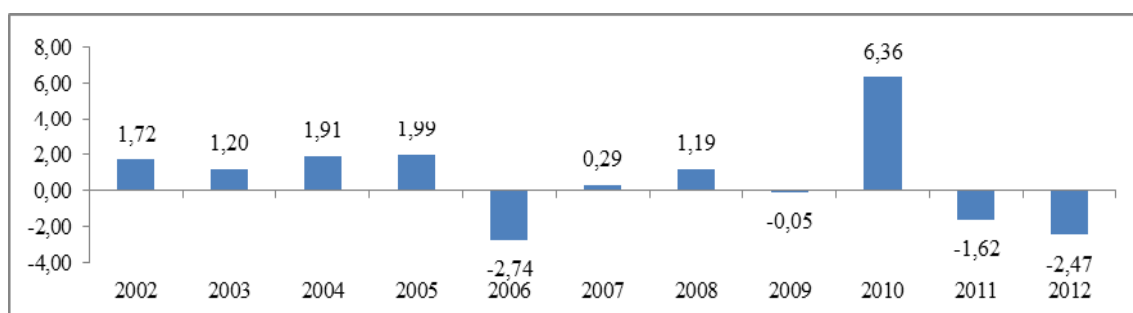


Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE.

Acompanhando a tendência nacional e regional, a indústria de transformação do Estado do Ceará também apresentou queda, na taxa de crescimento acumulada em 2012 (-2,47%), repetindo o comportamento do ano anterior. O resultado alcançado pelo Estado foi pior que o registrado pelo Brasil (-1,49%), e levemente abaixo da queda registrada pela região Nordeste (-2,69%) (Gráfico 05).

Ressalte-se que todas as taxas de crescimento observadas até então, apresentaram um melhor desempenho no ano de 2010, ano este assentado em uma base de comparação pós-crise, bem abaixo do esperado em um ano de desempenho classificado como normal.

Gráfico 05 - Evolução da Taxa de Crescimento Acumulada Anual do Número de Pessoas Ocupadas na Indústria de Transformação - 2002 a 2012 - Ceará (%)



Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE.

Na dimensão setorial tem-se um quadro generalizado de redução no estoque de trabalhadores. De fato, quatorze dentre os dezessete setores investigados apresentaram queda no número de pessoas ocupadas na indústria de transformação nacional. As maiores reduções foram registradas nos setores de *Vestuário* (-8,88%); *Madeira* (-8,0%); *Fumo* (-6,60%) e *Calçados e couros* (-6,15%) (Tabela 01).

Tabela 01 – Evolução da Taxa de Crescimento Anual do Número de Pessoas Ocupadas na Indústria de Transformação – 2010 a 2012 - Brasil, Nordeste e Ceará (%)

Seções e Divisões	Brasil			Nordeste			Ceará		
	2010	2011	2012	2010	2011	2012	2010	2011	2012
Indústria geral	3,43	1,03	-1,36	5,06	1,39	-2,7	6,39	-1,59	-2,50
Indústrias extrativas	4,72	3,63	3,78	-0,65	2,91	-2,93	9,75	2,21	-5,67
Indústria de transformação	3,39	0,97	-1,49	5,27	1,34	-2,69	6,36	-1,62	-2,47
Têxtil	6,37	-1,08	-5,86	0,71	-3,57	-8,69	6,19	-1,87	-7,85
Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool	-3,42	0,34	-1,49	-0,4	3,69	-6,58	-4,67	-30,33	-7,04
Vestuário	-1,84	-3,22	-8,88	4,64	-0,49	-6,45	2,15	3,91	-6,89
Máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	7,14	6,09	-0,7	1,09	1,65	1,89	-3,32	-6,14	-6,44
Fumo	-4,69	-4,74	-6,6	-12,55	-20,66	-4,52	-6,37	1,20	-4,74
Produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos	7,12	2,18	-3,16	9,71	-2,15	2,05	16,54	-6,95	-4,61
Fabricação de meios de transporte	5,9	6,88	-1,46	6,88	16,61	-8,96	7,55	5,8	-2,40
Fabricação de outros produtos da indústria de transformação	4,69	4,22	-2,82	9,83	0,72	-4,73	-5,62	-7,7	-2,09
Calçados e couro	5,71	-4,9	-6,15	13,37	-3,75	-4,65	11,25	-6,28	-1,74
Produtos químicos	1,45	0,77	1	-2,63	1,55	7,55	-4,34	-2,88	-1,35
Madeira	-5,81	-9,15	-8	-0,47	-5,29	-11,71	7,47	-1,61	-0,82
Papel e gráfica	-0,33	-7,51	-3,54	-0,18	-0,48	0,88	1,59	-4,87	-0,75
Alimentos e bebidas	1,46	2,92	3,85	4,02	2,39	-1,4	7,69	-2,23	0,20
Borracha e plástico	6,22	-0,94	-1,63	8,97	5,6	-2,16	-4,11	6,37	1,62
Máquinas e equipamentos, exclusive elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	7,34	3,67	1,11	6,45	8,54	2,46	7,33	6,07	2,41
Minerais não-metálicos	4,21	0,48	-0,1	5,09	7,6	-1,9	9,5	10,41	4,07
Metalurgia básica	7,7	3,73	-3,61	6,65	5,33	2,92	10,33	2,76	5,12

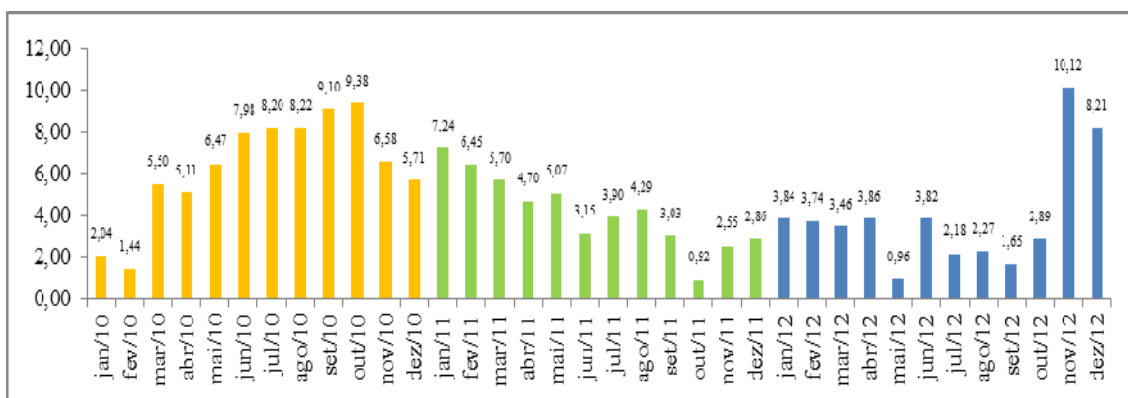
Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE. Ordenado pelo desempenho cearense em 2012.

No Ceará o quadro é semelhante. Na realidade estadual, doze dentre os dezessete setores investigados apresentaram taxas negativas de crescimento anual no número de pessoas empregadas na indústria de transformação. Os setores que registraram as maiores quedas no total de pessoal ocupado, no acumulado do ano de 2012, foram: *Têxtil* (-7,85%); *Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool* (-7,04%); *Vestuário* (-6,89%), e *Máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações* (-6,44%). Por outro lado, os setores de *Metalurgia básica* (5,12%) e *Minerais não-metálicos* (4,07%), responderam pelas principais influências positivas (Tabela 01).

3. FOLHA DE PAGAMENTO REAL

No tocante aos salários pagos na indústria de transformação, o gráfico 06, a seguir, traz a evolução da folha de pagamento real para a atividade em nível nacional. O gráfico mostra o comportamento mensal da taxa de crescimento entre os meses de janeiro de 2010 e dezembro de 2012. Na comparação com igual mês do ano anterior, a folha de pagamento real de dezembro de 2012 aumentou 8,21%. Em dezembro de 2011 crescimento foi de apenas 2,86%, bem abaixo do observado em 2010 (5,71%).

Gráfico 06 - Taxa de Crescimento Mensal da Folha de Pagamento Real na Indústria de Transformação - Janeiro de 2010 a Dezembro de 2012 - Brasil (%)

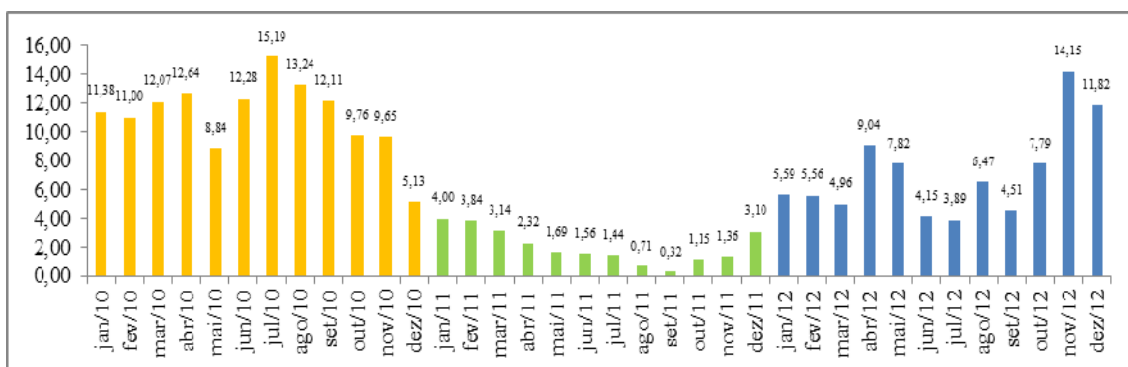


Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE.

Para o caso da indústria de transformação cearense, no confronto com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu 11,82% em dezembro de 2012, sendo o trigésimo sexto resultado positivo consecutivo nesse tipo de comparação. Como no caso nacional, este ritmo supera o desempenho de 2011, cuja expansão foi de somente 3,10%, nessa mesma comparação. Em 2010, o percentual foi de 5,13%. (Gráfico 07).

Como pode ser notado no gráfico abaixo, a taxa de crescimento mensal da folha de pagamento real na indústria de transformação cearense seguiu trajetória semelhante à observada na indústria de transformação nacional, todavia, com variações bem superiores à registrada pelo país.

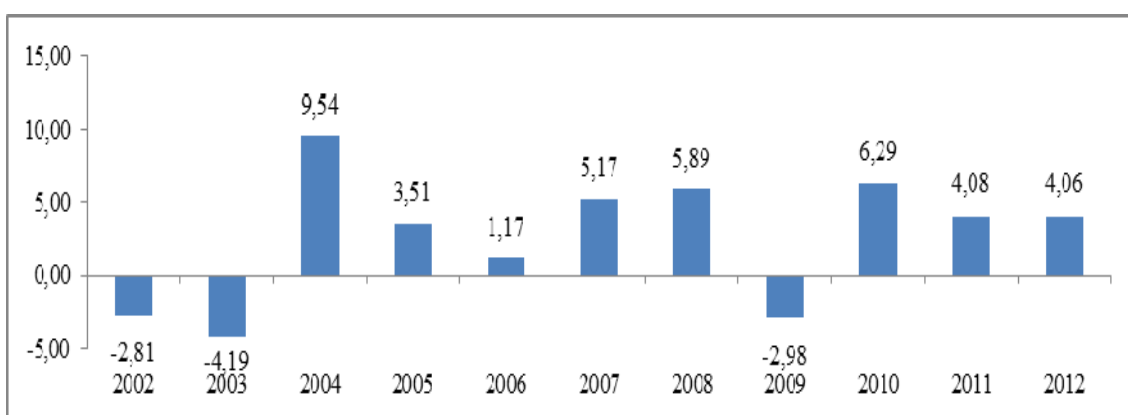
Gráfico 07 - Taxa de Crescimento Mensal da Folha de Pagamento Real na Indústria de Transformação - Janeiro de 2010 a Dezembro de 2012 - Ceará (%)



Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE.

Mesmo diante da forte alta ocorrida nos últimos dois meses de 2012, a taxa de crescimento acumulada anual da folha de pagamento real na indústria de transformação brasileira para o ano de 2012 manteve o mesmo ritmo registrado para o ano de 2011, 4,06% contra 4,08% (Gráfico 08). Se, por um lado, o ritmo de crescimento não aumentou, por outro, o resultado preservou a velocidade em uma conjuntura na qual a atividade industrial não consegue retomar o ritmo pré-crise.

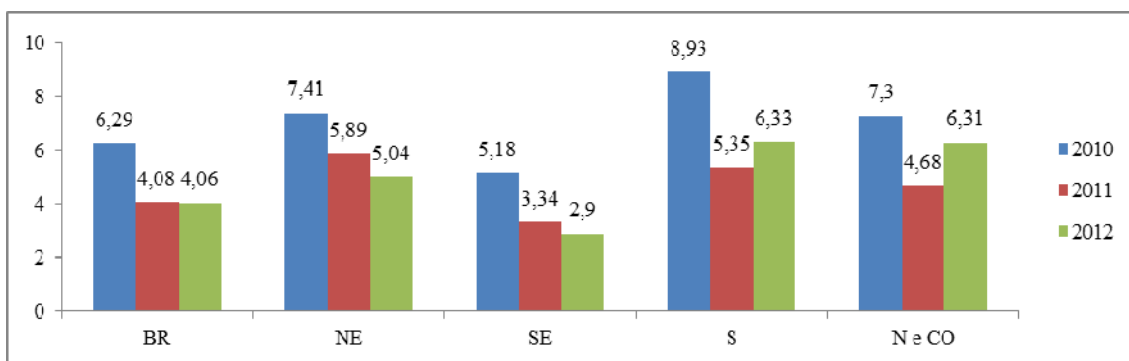
Gráfico 08 - Evolução da Taxa de Crescimento Acumulada Anual da Folha de Pagamento Real na Indústria de Transformação – 2002 a 2012 - Brasil (%)



Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE.

Na análise da taxa de crescimento da folha de pagamento real por regiões, é possível constatar que todas registraram crescimento no acumulado do ano de 2012, diferentemente do ocorrido com o número de pessoas ocupadas, que registrou queda em todas. É possível notar que enquanto nas regiões Sul, Norte e Centro Oeste houve uma retomada da taxa de crescimento anual da folha de pagamento real com taxas de 6,33% e 6,31%, respectivamente, nas regiões Nordeste e Sudeste as variações ocorridas em 2012 foram inferiores às registradas em 2011, sendo as responsáveis pela trajetória de queda desse indicador em nível nacional a partir de 2010. (Gráfico 09).

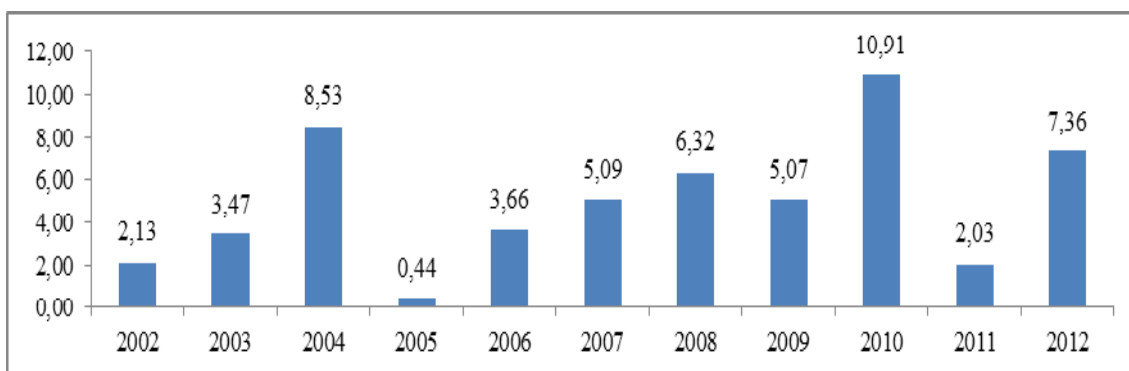
Gráfico 09 - Taxa de Crescimento Acumulado Anual da Folha de Pagamento Real na Indústria de Transformação - 2010 a 2012 – Brasil e Regiões (%)



Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE.

Para o caso específico do Estado do Ceará, no confronto com o ano anterior, a taxa de crescimento da folha de pagamento real foi de 7,36% em 2012, apontando um ganho de ritmo frente ao resultado de 2011 (2,03%) e superando a marca registrada pelo país em 2012. O resultado foi o terceiro melhor desde o ano de 2002. (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Evolução da Taxa de Crescimento Acumulada Anual da Folha de Pagamento Real na Indústria de Transformação – 2002 a 2012 - Ceará (%)



Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE.

Na dimensão setorial é possível dizer que o valor da folha de pagamento real no país cresceu em quatorze dos dezessete setores investigados, com destaque para *Alimentos e bebidas* (9,58%); *Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool* (6,51%) e *Máquinas e equipamentos, exclusive elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações* (6,09%). (Tabela 02).

No Ceará, igual quantidade de setores registraram expansão no total da folha de pagamento real na indústria de transformação no ano de 2012. Os setores que mais se destacaram foram: *Metalurgia básica* (18,32%); *Produtos químicos* (13,89%); *Borracha e plástico* (12,26%) e *Minerais não-metálicos* (12,02%). Por outro lado, três setores da economia cearense apresentaram queda no total da folha pagamento real no mesmo ano: *Fumo* (-5,35%); *Papel e gráfica* (-1,13%) e *Produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos* (-0,71%). (Tabela 02).

Tabela 02 – Evolução da Taxa de Crescimento Anual da Folha de Pagamento Real por Setores da Indústria de Transformação – 2010 a 2012 - Brasil, Nordeste e Ceará (%)

Seções e Divisões	Brasil			Nordeste			Ceará		
	2010	2011	2012	2010	2011	2012	2010	2011	2012
Indústria geral	6,4	4,3	4,32	6,62	5,12	5,07	10,96	2,11	7,34
Indústrias extrativas	8,47	8,24	8,83	0,68	-1,14	5,32	18,59	11,22	4,62
Indústria de transformação	6,29	4,08	4,06	7,41	5,89	5,04	10,91	2,03	7,36
Metalurgia básica	3,35	6,25	1,25	5,59	8,93	8,4	6,37	13,22	18,32
Produtos químicos	-0,58	1,57	4,42	-7,15	4,63	11,49	-5,24	3,3	13,89
Borracha e plástico	9,12	3,76	3,36	16,22	7,96	2,23	-3,61	5,34	12,26
Minerais não-metálicos	10,51	4,75	5,57	7,28	11,76	9,36	13,66	17,56	12,02
Madeira	-2,32	-4,85	-1,55	0,35	0,44	-6,88	15,71	-4,26	9,27
Alimentos e bebidas	5,25	5,72	9,58	6,69	7,75	6,5	12,99	2,79	8,87
Calçados e couro	6,66	-3,98	-0,86	15,59	-2,56	4,12	16,91	-4,97	8,68
Fabricação de meios de transporte	8,3	10,1	1,93	19,9	22,32	2,85	13,77	11,91	7,02
Vestuário	2,67	-1,51	-2,71	10,17	0,64	2,96	9,73	4,15	6,98
Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool	3,93	4,12	6,51	2,61	6,29	2,11	3,92	-0,85	6,24
Máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	11,78	7,65	4,13	-3,99	7,64	3,23	-3,4	-2,53	4,07
Fabricação de outros produtos da indústria de transformação	10,99	7,03	6,03	39,71	3,18	0,76	4,85	-3,37	3,25
Máquinas e equipamentos, exclusive elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	7,72	6,45	6,09	8,71	18,17	4,08	14,33	16,33	3,17
Têxtil	8,34	1,24	0,44	4,39	-1,77	-3,01	8,48	2,83	2,18
Produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos	8,09	2,9	2,12	7,53	6,57	7,79	17,76	-3,62	-0,71
Papel e gráfica	3,74	-8,84	2,43	5,76	1,16	1,26	2,27	3	-1,13
Fumo	-1,13	-3,75	1,05	-4,56	-18,47	0,12	1,21	-5,24	-5,35

Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados revelam um quadro comum à atividade industrial no país entre os anos de 2010 e 2012. Seja em nível nacional, seja considerando as regiões brasileiras, a indústria tem mostrado uma redução no estoque de trabalhadores acompanhada de um aumento na folha de pagamento. Tal comportamento caracteriza a indústria nestes anos seguintes ao agravamento da crise internacional iniciada ainda em 2008 e seus posteriores desdobramentos.

A realidade nacional se repete na manufatura cearense neste mesmo período. De fato, como visto, a indústria estadual registrou reduções no estoque de empregados e aumentos na folha de pagamento real, em especial nos anos de 2011 e 2012.

De imediato, os resultados apontam para uma elevação nos custos com a mão-de-obra incorridos pela indústria. Entretanto, apenas os dados observados não permitem maiores conclusões sobre os efeitos de tal elevação na competitividade do setor. De todo modo, a leitura é de que se impõem maiores dificuldades para uma retomada mais consistente do ritmo da atividade numa conjuntura ainda adversa em decorrência da crise na economia internacional.

Mais do que respostas, os dados comentados trazem novas provocações. É oportuno identificar as causas desta elevação nos salários pagos pela indústria. Até que ponto este movimento se deve ao aquecimento no setor de serviços e a possível concorrência no mercado de trabalho? De igual maneira, é válido analisar a evolução da produtividade do trabalho na indústria em relação ao aumento nas remunerações pagas. O aumento do custo do trabalho é acompanhado por ganhos de produtividade e maior eficiência? Tais questões são relevantes para um melhor entendimento sobre poder de competição da indústria, seja ela cearense ou em nível nacional.